**A DOCÊNCIA COMO PROFISSÃO: UM ESTUDO A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE CASTANHAL/PA**

Ailto Ramos da Silva

Discente de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal

[ailtoramos26@gmail.com](mailto:ailtoramos26@gmail.com)

Francisca Elaine Nascimento do Nascimento

Discente de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal

[elaine.fn20@gmail.com](mailto:elaine.fn20@gmail.com)

Madison Rocha Ribeiro

Professor da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal

[madisonribeiro@gmail.com](mailto:madisonribeiro@gmail.com)

**RESUMO**

O texto discute identidade, trabalho e profissionalização docente, evidenciando fatores caracterizadores da identidade, do trabalho e da profissionalização docente, cuja base de análise foi uma entrevista realizada com uma professora de educação infantil de uma escola pública do município de Castanhal/PA. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de caráter explicativo, fundamentado nos pressupostos da pesquisa qualitativa, tendo sido utilizado como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Para a compreensão do objeto de estudo utilizou-se os construtos teóricos de Abreu e Landini (2003), Lengert (2011), dentre outros. A análise dos dados indica que a identidade docente é algo construído; que o trabalho do professor vem nos últimos anos se precarizando, embora, ao mesmo tempo, venha se profissionalizando, tendo como marca desse processo as exigências por mais e melhor formação inicial e continuada, definição de plano de carreira, cargos e remuneração, melhores condições de trabalho, dentre outros aspectos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência.Identidade. Trabalho. Profissionalização.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente texto socializa os resultados de uma investigação que versou sobre a identidade, o trabalho e a profissionalização docente. O estudo constituiu parte integrante das atividades curriculares da disciplina Didática e Formação Docente, vinculada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal. Sua realização se deu em função do estreitamento necessário entre teoria e prática e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no âmbito da formação do profissional da educação na universidade.

A pesquisa partiu da seguinte questão problema: como tem se dado o processo de identificação e profissionalização de docentes da educação infantil? Sendo assim, o estudo buscou evidenciar fatores caracterizadores da constituição da identidade, do trabalho e da profissionalização docente. O referido estudo orientou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, utilizando-se da entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, a qual foi realizada com uma professora de educação infantil de uma escola pública de Castanhal/PA. Neste trabalho a entrevistada recebe o codinome de Santana. Considerando o roteiro de entrevista utilizado com a professora, o presente ensaio abordará, à luz da teoria que discute o assunto em destaque, os seguintes aspectos: identidade, trabalho e profissionalização docente. Este último aspecto abrange formação inicial, continuada, plano de carreira, cargos e remuneração, sindicalização e avaliação do trabalho docente.

É importante destacar que ainda hoje, a profissão docente é comparada a figura do sacerdócio, estando ligada a um ato divino, que por sua vez, se desfaz na medida em que se discute o processo de profissionalização, pois há uma formação que capacita esse profissional para desenvolver o papel de professor.

**2 TRABALHO, PROFISSIONALIZAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE**

As discussões apresentadas acerca do trabalho docente, sua profissionalização e identidade mostram-nos diferentes transformações e posicionamentos ao longo dos anos. Estas constantes mudanças são alavancadas, em especial, pelo avanço do sistema capitalista, o qual vai imprimindo dentro das estruturas sociais, configurações de trabalho, profissionalização e identidade docente de acordo com suas finalidades, causando atualmente, dentre outras questões, o surgimento da ideia do trabalhador-professor. (ABREU e LANDINI, 2003).

O trabalho docente, hoje considerado trabalho profissional por alguns e semiprofissional por outros, veio ao longo da história se transformando. Essas transformações incidiram em vários aspectos: no perfil ou identidade do trabalhador da docência, no local de ensinar, nos conteúdos a serem ensinados, nos critérios e exigências para desenvolver o trabalho docente, na remuneração e valorização, dentre outros aspectos.

Ao olharmos para a história da profissão docente constatamos que ela é uma das mais antigas da humanidade. Segundo Gadotti (2006), na Antiguidade os professores eram os que sabiam proferir discursos. Na Idade Média era o clero quem ensinava e somente na Idade Moderna, quando o Estado passou a tutelar a educação nas sociedades, é que surgiram os professores leigos. O trabalho docente já foi associado com o trabalho escravo, pois eram estes que conduziam e até ensinavam os filhos dos nobres a um preceptor contratado pela família para a educação de seus filhos; com o trabalho missionário, pois há muito tempo foi realizado por padres e sob a direção da Igreja. Também já foi associado como trabalho feminino, pois após a Igreja deixar de ser responsável pela educação nas sociedades, o Estado passou a selecionar mulheres ilibadas para esse serviço, pois se acreditava que o trabalho de professora era muito semelhante ao serviço da mãe, no que tange ao cuidar e educar os filhos. (LANGERT, 2011). Assim, na medida em que se muda a configuração e as exigências do trabalho docente nas sociedades, se modifica, também, a identidade ou o perfil do professor.

As discussões já realizadas acerca do trabalho docente, seu processo de profissionalização e identidade mostram-nos diferentes posicionamentos em relação a esse conjunto de aspectos que envolvem a docência. Para Enguitta (1991) a profissionalização é definida pela competência específica, pela vocação, pela auto regulação e pela independência. Freitas (1992), por sua vez, define os agentes envolvidos com a escola como trabalhadores da educação, no entanto, estes não são necessariamente profissionais da educação. Para o autor, não é o local de trabalho que define uma profissão, mas sim as relações para as quais os profissionais são preparados.

O trabalho docente e sua profissionalização, por conseguinte, não são realidades simples. Ao analisá-las, devem-se considerar as práticas sociais dos sujeitos envolvidos nesta categoria, partir de sua formação escolar, do contexto social em que essa formação se realiza, da vivência cotidiana na escola, das relações que estabelece com o produto de seu trabalho – o saber -, das relações com outros agentes educacionais envolvidos na escola, da relação que estabelece com o sindicato e as instituições representativas de classe, das condições estruturais da profissão (salário, condições de trabalho, etc.), entre outros fatores. (ABREU & LANDINI, 2003).

Considerando o exposto sobre o trabalho e a profissionalização docente, cabe dizer que a identidade, decorre de várias questões que estão presentes na constituição do ser professor. Para Iza et al. (2014, p.277) os pontos que influenciam seriam “a sua socialização primária, enquanto aluno da escola, seguindo a formação inicial em cursos de licenciatura, até tornar-se professor de fato, ficando em formação permanente”. Com isso, entendemos que a identidade docente é construída continuamente, perpassando diversos momentos da vida do professor, sendo resultado da natureza do trabalho cotidiano do educador, bem como de seu processo de profissionalização.

**3 IDENTIDADE, TRABALHO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE SEGUNDO UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM CASTANHAL/PA**

1. **Concepção e identificação com a docência**

Ao analisar a identificação com a docência devem-se levar em consideração os sujeitos que estão sendo avaliados. Podendo estar aliada ao fato de gostar da profissão, ou ligada às condições que levaram aquela pessoa a se tornar um professor, nem sempre sendo intencional. Então, podemos perceber através da entrevista, o que fez a professora Santana escolher a profissão docente. Neste aspecto, ela diz que:

*Ser professor pra mim é uma coisa que me completa na minha vida, é o complemento. É uma parte de minha vida que eu não vou esquecer nunca, no momento em que eu comecei a trabalhar, a pegar afeição pelas crianças, e vai tomando cada vez mais afeição pela profissão, aí essa profissão me completa. Quando eu trabalhava na saúde, trabalhava no ambulatório... Aí eu comecei a fazer magistério... Quando eu fui estagiar no magistério, eu comecei a gostar né? Porque eu já tinha dado aula particular, então eu comecei a gostar de ministrar aula... As aulas com as crianças. Quando eu comecei a trabalhar tive que optar por uma ou outra, então eu optei pela educação porque pra mim, eu me identifiquei mais com a educação. (SANTANA).*

Sobre a concepção de docência, constatou-se que para a entrevistada ser professor não é algo sem sentido, mas sim, uma profissão que a completa e que marca sua trajetória profissional. Trata-se de uma dimensão da vida, a profissional, que a completa em seu dia a dia. O apego pelas crianças foi determinante para que a professora pudesse se identificar e gostar cada vez mais do que faz. Tarfid (2005) diz que: “[…] o trabalho docente não consiste apenas em cumprir ou executar uma tarefa, mas é também a atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar sentido ao que fazem” (p. 38).

O fato que levou essa mulher a ser professora, partiu da experiência vivida anteriormente, pois ao dar aulas particulares para crianças despertou nela o gosto em ensinar. Cabe destacar também o processo formativo desenvolvido no curso de Ensino Médio, modalidade Magistério, o qual por meio do Estágio despertou-lhe o interesse pela docência. A partir daí foi preciso obter uma gama de conhecimentos, uma formação, para assim desempenhar o trabalho docente, já que, “[...] a escolha por ser professor é uma construção e não pode ser encarada apenas como uma vocação individual numa progressão linear e sucessiva”. (LENGERT, 2011 p. 19).

1. **Valorização do trabalho docente**

*Valorizado, valorizado [...] se for ao quesito de salário não, se for à questão de como os políticos nos veem não somos valorizados, tem-se criado um total descompromisso com a valorização do trabalho docente, tanto pelo poder público quanto pela relevância real e necessária que o profissional do meio educacional tem direito, mas o que ficou marcado aqui foi em relação à política e uma parte da sociedade que não dá o devido valor aos docentes, sobrecarregando seu trabalho. (SANTANA)*

Como se pode constatar, a professora não se sente valorizada nem pelos políticos e nem por parte da sociedade. Segundo ela, os governantes tratam a profissão docente com um total descompromisso. A professora acrescenta, ainda, que são muitas as dificuldades e desafios a serem enfrentados na profissão de professor: de ordem político, social, estrutural, organizacional, gestão ineficiente, recursos deficitários, fator econômico deficiente, de modo que muitas vezes é necessário o professor retirar do seu próprio salário uma determinada quantia para desenvolver sua ação em sala de aula. Entretanto, afirma que apesar das dificuldades, permanece na profissão porque ela é de extrema importância para a formação dos indivíduos; é a partir dela que surgem os outros cargos e profissões da sociedade.

Neste sentido, é preciso perceber a real importância da profissão docente, como nos afirma Gatti (2012, p. 94-95) “O reconhecimento dos docentes da educação básica como profissionais essenciais ao país passa pela oferta de carreira digna e de remuneração condizente à formação deles exigida e ao trabalho que é deles esperado”. Desta forma, a valorização docente é necessária para que o professor possa desenvolver um trabalho mais qualificado, sendo que não se trata somente da questão salarial, mas também de se compreender que o professor desempenha uma profissão imprescindível para o desenvolvimento da sociedade.

1. **Profissionalização: formação inicial e continuada**

*A minha formação inicial é magistério e eu trabalhei um tempão com esse magistério, cerca de 10 anos, e eu dava conta da situação né. Nesse meio tempo entre o magistério de 10 anos que eu fiz eu também participei de muita formação continuada, […] aí participava também de cursos né, fora da escola. (SANTANA).*

Apesar do destaque para o Curso de Magistério, cabe observar que a legislação educacional o vê como formação mínima para atuar na docência, pois este curso não é mais suficiente para respaldar as ações didático-pedagógicas do docente. Mesmo com a ajuda da formação continuada, faz-se necessário melhorar a formação inicial, a qual deve ser de grau superior, em curso de Licenciatura. Segundo Gatti (2013),

[...] a formação inicial dos professores é crucial, sem deixar de lado o papel relevante da formação continuada em suas vidas profissionais. Não há consistência em uma profissionalização sem a constituição de uma base sólida de conhecimentos aliados a formas de ação. Donde a importância de uma sólida formação inicial, solidez também que necessita de reconhecimento pelo conjunto da sociedade (p. 60).

Visto que, o valor atribuído à profissão docente pode estar associado ao reconhecimento de seu valor social, em decorrência da formação. Quanto à formação continuada, o educador deve sempre buscá-la, não só para ter um currículo exemplar, mas para exercer melhor suas competências ao longo de sua trajetória profissional e melhorar a qualidade da educação, conforme enfatiza o Plano Nacional de Educação anterior:

A formação continuada do magistério é parte essencial da estratégia de melhoria permanente da qualidade da educação, e visará à abertura de novos horizontes na atuação profissional. […]. Essa formação terá como finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de seu aperfeiçoamento técnico, ético e político (BRASIL, 2000, p. 157).

O docente deve estar apto a refletir sobre sua prática educacional e deve estar sempre em busca da melhoria para assim produzir conhecimento eficaz. O Educador deve sempre buscar formação continuada, não só para ter um currículo bem destacado, mas para exercer melhor suas competências ao longo de sua trajetória. Na resposta da entrevistada, vemos a importância da formação continuada na carreira de um profissional da educação, pois a qualificação é primordial para ele, o docente tem a necessidade de formação contínua para que esteja sempre atualizado e apto para lidar com diversas situações do dia a dia em sala de aula e também fora dela. Com isso, Ribeiro (2013) afirma:

Essa formação pode ser dada no local de trabalho ou fora deste; planejada pelo próprio estabelecimento de ensino, pelos sistemas, pelas universidades e por demais instituições; pode ser presencial ou à distância; financiada pelo próprio formando ou por outras instituições como o Estado, empresas; podendo vir a refletir as necessidades dos professores e das escolas ou não; enfim, a formação continuada de professores, na realidade, é uma prática muito heterogênea. Mas, apesar de tais colocações, é importante mencionar que no Brasil a legislação educacional estabelece que a formação continuada de professores da rede pública seja de responsabilidade dos sistemas de ensino (p.43-44).

Nesse aspecto, apesar de essencial para a melhoria da Educação no país, a formação continuada ainda é uma meta a ser alcançada em sua totalidade, pois nem todos os sistemas de ensino a garantem como deveriam. Portanto, não basta estabelecer como direito tem que oferecer condições de acesso a esta formação.

1. **Profissionalização: organização de classe**

Perguntamos à professora se ela era sindicalizada. A docente respondeu: “*Se for pelo sindicato de professores, que é o SINTEPP, não, eu não sou sindicalizada nessa situação”. (SANTANA)*. Perguntamos se ela era sindicalizada em outro sindicato e a professora disse que não. O motivo pelo qual a professora não está associada se deve, entre outros fatores, a demora com que o SINTEPP encaminha os problemas docentes e por ter seu emprego somente de forma temporária. Apesar disso, a professora vê o sindicato como uma organização importante para a luta de classe.

*Olha essa importância do sindicato ela é muito boa, desde que venha trabalhar em prol mesmo da educação, venha se empenhar pela educação, porque muitas das vezes, o sindicato ele luta pela educação, mas quando chega mais na frente ele, tipo assim, vai quase parando e não resolve nada. Muitas coisas eles resolvem, mas tem umas que eles deixam a desejar. Lutaram pelo piso salarial dos professores e conseguiram, eles lutam pelo plano de carreira (PCCR), aí eles ganharam esse PCCR, mas muitas das vezes, eles demoram muito, aí eles vão do jeito que o político quer, nisso aí os professores ficam impacientes logo por uma resposta e não tem, o professor também nesse momento não sabe ver a situação do sindicato, ele anda conforme a agenda política do município. Nunca me interessei em me sindicalizar, até por ser temporária também, aí eu nunca quis me sindicalizar. (SANTANA).*

Percebemos na fala da professora certa falta de vontade em participar do sindicato de professores, o que até certo ponto se torna ruim, pois sabemos que o sindicato tem o intuito de buscar melhorias para os professores, sendo essa uma maneira de lutar por seus direitos que não estão sendo atendidos. Além disso, lutar se torna importante para o profissional docente, como afirma Lengert (2011, p. 21): “No momento da luta, o professor teria chance de reconstruir autoimagens, porque se veria inserido num coletivo, identificado com um grupo social e auto fortalecido por meio da luta pelos direitos dos seus colegas”.

1. **Avaliação do trabalho docente**

*Quando eu tinha só o magistério, eu me avaliava de um jeito, mas depois que comecei a estudar Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, comecei a me avaliar de outra forma. Quando eu chego em casa, reflito sobre a aula ministrada aos alunos, tento analisar se houve interação da maioria da turma, e ai se eu julgar que essa interação não ocorreu, eu refaço o plano de aula com outra metodologia de ensino e apresento o conteúdo novamente, mas de outra forma. (SANTANA).*

A auto avaliação do professor é muito importante para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a avaliação tem a função de transformar, provocar mudanças. “[...] nada permanece igual e indiferente após uma avaliação”. (SOBRINHO e RISTOFF, 2002, p. 39).

Sobre a avalição interna e externa do trabalho docente, a professora defende que *se houvesse uma avaliação pelas duas partes seria bem melhor, para assim, haver uma imparcialidade e até poder comparar os resultados*. (SANTANA). Depois, se posiciona contra a avaliação interna, diz que prefere ser avaliada por órgãos externos, por diversos fatores. Deste modo, Sobrinho e Ristoff (2002) afirmam:

Desnecessário dizer que, relativamente a avaliação, como se dá nos diversos fenômenos sociais, as concepções, as práticas e seus efeitos costumam beneficiar a determinadas pessoas ou grupos, servir a certas ideias e a uns tantos interesses. (p. 54).

A professora encerra a entrevista dando sugestões à escola e ao Estado no sentido de melhorar a profissão docente. Ela diz que o professor precisa ao menos de condições básicas de trabalho, pois ela vivenciou em seus 10 anos de magistério e ainda vivencia trabalhando no ensino público, diariamente na sala de aula, a falta de materiais como recursos didáticos e salas fechadas com pouca ventilação. Entendemos assim, que valorizar o trabalho docente é importante em todos os sentidos, pois o profissional docente carrega uma grande responsabilidade, sendo que “toda sociedade quando enfrenta duras crises econômicas e políticas tende a responsabilizar a educação, como se esta fosse sempre a principal senão a única culpada pelos problemas nacionais [...].” (SOBRINHO e RISTOFF, 2002, p. 42).

**4 CONCLUSÃO**

Os elementos apresentados em relação à identidade, ao trabalho e à profissionalização docente nos mostram que a profissão professor não é uma realidade homogênea e simples de ser analisada. Trata-se de um objeto de estudo multifacetado, complexo, o qual precisa ser compreendido em sua totalidade concreta, respeitando a dialética desse fenômeno. Não há uma identidade docente. São identidades docentes. Estas são construídas conjugando diversos fatores, sejam eles internos ou externos a pessoa. O trabalho docente também não é padrão. Depende dos níveis de educação e ensino, da organização social e, por isso, pode ser mais ou menos valorizado.

Sobre a profissionalização docente cabe destacar que esta leva o professor a uma realização plena de seu trabalho, como também a falta dela causa uma profunda frustração. É importante que esses profissionais tenham condições de trabalho adequadas para desenvolver um ensino de qualidade e que a sociedade não somente imprima responsabilidades aos professores, mas que também ela possa compreender e ajudar na construção da educação dos cidadãos. Nesse contexto, a formação inicial sólida, a formação continuada, condições adequadas de trabalho, a garantia da autonomia e a organização sindical, dentre outros fatores, tem constituído elementos essenciais no processo de profissionalização do trabalho docente que, ao mesmo tempo, no contexto da sociedade capitalista, vem se precarizando e proletarizando cada vez mais.

Neste sentido, é preciso olhar o trabalho docente com outros olhos, isto é, vendo-o como um trabalho profissional e essencial para o desenvolvimento pleno das pessoas e da sociedade. Considerando essa importância, cabe ao Estado e à sociedade apoiar a categoria dos professores em suas lutas, em suas necessidades, de modo que ao se sentirem valorizados e apoiados possam desenvolver um trabalho sério e comprometido com as finalidades do sistema educativo.

**REFERÊNCIAS**

ABREU, C. B. de M.; LANDINI, S. R. **Trabalho Docente: a dinâmica entre formação, profissionalização e proletarização na constituição da identidade**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.8, p. 33-44, jan./abr. 2003.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Apresentação de Vital Didonet. Brasília; Plano, 2000.

ENGUITTA, M. F. A ambiguidade da docência: entre o profissional e a proletarização. **Teoria & Educação**, n.4, p.41-61, 1991.

FREITAS, L.C. Em direção à uma Política de formação de professores. **Em Aberto**, n. 54, 1992.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Àtica. 2006.

GATTI, B. A. **Reconhecimento social e as políticas de carreira docente na educação básica.** CADERNOS DE PESQUISA, v.42 n.145 p.88-111 jan./abr. 2012.

GATTI, B. A. **Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses**. Educar em Revista, Curitiba, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; et al. **Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor.** Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014.

LENGERT, R. **Profissionalização Docente: entre vocação e formação**. La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 16, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 2011.

RIBEIRO, M. R. **FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: cenários e desafios.** Revista Acadêmica ESTAÇÃO da FACULDADE PAN AMERICANA, Capanema, n. 2, p. 42-51, jan. 2013.

SOBRINHO, J. D.; RISTOFF, D. I. **Avaliação democrática:** Para uma universidade cidadã. Editora Insular, 2002.

TARFID, M. **O Trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.